

## O ASPECTO SIMBÓLICO NA RELAÇÃO DO HOMEM COM A TERRA

### THE SYMBOLIC ASPECT IN THE RELATIONSHIP BETWEEN MAN AND EARTH

Bárbara Helenni Gebara Santin<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Correspondência para: Bárbara Helenni Gebara Santin (barbarahelenni@gmail.com)

doi: 10.12957/geouerj.2017.22647

Recebido em: 27 abr. 2016 | Aceito em: 2 mai. 2016



#### RESUMO

O presente artigo discute conceitos da geografia humanista e sua área fenomenológica de estudo referente à relação do homem com a Terra. Essa relação se dá na influência do meio sobre o homem, bem como na criação de significados e valores que influenciam o meio. Atentando para a importância do aspecto simbólico na geografia, com o qual se insere significado ao mundo concreto, este artigo tem como metodologia pesquisa bibliográfica em materiais de geografia cultural, geografia humanista, filosofia e psicologia, nas quais o principal tema é a relação do homem com o meio. O artigo se propõe a pensar a necessidade de uma reconexão dos homens com o mundo ao seu redor, sendo seu objetivo conectar as simbologias presentes no espaço com as percepções que se tem dele.

**Palavras-chave:** Geografia humanista; Percepção; Homem x Meio; Simbologia; Significado.

#### ABSTRACT

*The present article discusses concepts of humanistic geography and its phenomenological area referring to the relationship between men and Earth. This relationship happens in the influence of the environment on men, likewise in the creation of significances and values which influence the environment. Attempting to the importance of the symbolic aspect in geography, with which signification is inserted to the concrete world, this article methodology is a bibliographic research on cultural geography, humanistic geography, philosophy and psychology materials, on which the central theme is the relationship between men and environment. The article suggests reflecting the need of a reconnection of humans with the environment, and its goal is to connect the space symbology with its perceptions.*

**Keywords:** Humanistic geography; Perception; Man x Environment; Symbology; Meaning.

#### INTRODUÇÃO

O presente artigo possui a proposta de relacionar visões e conceitos da geografia humanista e sua área fenomenológica de estudo com a íntima relação do homem com a Terra, suas percepções disso, as criações de significados e valores e as influências do homem sobre a Terra e da Terra sobre o homem, a fim de buscar olhares e ações mais sensíveis e conscientes, bem como chamar a atenção para a importância do aspecto simbólico no meio geográfico, o qual dá significado à concretude.

A metodologia deste artigo é uma pesquisa bibliográfica nas áreas da geografia cultural, geografia humanista, filosofia e psicologia, nas quais o principal tema é a relação do homem com o meio ambiente. As principais ideias para a elaboração do artigo foram encontradas em autores como Eric Dardel (2011), Eguimar Chaveiro (2012), Leonardo Boff (1996), Werther Holzer (2012), Denis Cosgrove (2003; 2012), David Lowenthal (1961; 1967) e Edgar Morin (2000).

Este artigo se propõe a pensar a necessidade de uma reconexão dos homens com seu habitat, a Terra, e procura fornecer um olhar diferenciado da sociedade, buscando mostrar a importância de sua humanização e dos seus laços com o planeta.

### **O olhar da geografia humanista e a percepção humana do ambiente**

A geografia humanista, juntamente com a fenomenologia, se desenvolveu a partir de estudos de geógrafos preocupados com a subjetividade do espaço e ela utiliza como base a experiência e as percepções humanas para descrever o mundo vivido do homem (RELPH, 1970; BUTTIMER, 1974; HOLZER, 2012a). De acordo com Relph (1970), a utilização do método fenomenológico na geografia oferece uma abordagem holística da relação do homem com a natureza. Quando o homem lida com a natureza como algo a ser explorado sem limites, ele acaba se distanciando da possibilidade de se conectar positivamente com seu meio, de se ver como parte do meio. É com a consciência de que seu meio faz parte do que ele é que o homem se conecta com profundidade com a Terra e com a sua essência (DARDEL, 2011).

É necessário que se encontre um equilíbrio, no qual seja possível integrar matéria e espírito – espírito no sentido da energia que anima, que dá vida ao concreto. As geografias cultural e humanista abordam essa necessidade quando além de estudar o que é objetivo, elas incorporam estudos do que é subjetivo (BUTTIMER, 1969), estudando os significados que os indivíduos atribuem ao que é concreto (DARDEL, 2011).

Para um estudo mais profundo da vida cotidiana como experiência geográfica, a fenomenologia propõe que o olhar se volte para a experiência e a percepção humana (PICKLES, 1985; HOLZER, 2012b). Com isso, Pickles (1985, p. 128) lembra que “a relação do homem com o mundo não é inicialmente e primordialmente uma relação cognitiva ou teórica, mas a do *dasein* – do ser-aí”, ou seja, a explicação científica surge em segundo plano, somente depois de o homem ter tido experiência com o real. Por isso, a geografia, através da fenomenologia, precisa estudar o ser, o qual faz com que o mundo tenha sentido, que o mundo se crie e recrie (HOLZER, 2012b; WRIGHT, 1947).

As percepções que compõem as experiências humanas são, inegavelmente, subjetivas, efêmeras, como citam Berdoulay e Entrikin (2012). Para Dardel (2011) essa experiência subjetiva é substancial. A subjetividade do concreto é sua substância. Mas ela é primeiro substância para os sentidos, para o sabor do saber e depois sim ela se transforma em pensamentos, em conceitos e até sentimentos. Ele, Dardel, utiliza o exemplo da floresta para nos falar dessa subjetividade sempre presente:

A floresta não é somente a extensão arborizada da realidade objetiva. Ela coloca em questão a totalidade da existência. Foi formadora de almas e de sensibilidade. (...) Nosso universo lógico malogra, com seu espaço rigoroso, a essa massa exuberante e apodrecida (...), em que a vida brota continuamente da morte, (...). Um mundo que absorve o homem (...), e derrota (...) suas ideias claras (DARDEL, 2011, p. 37-38).

Não há ideia completamente esclarecida quando existe subjetividade em tudo o que é concreto e, mais ainda, no olhar do ser humano. Não há sentido, não há vida se o homem não confia, ao menos, nas energias que preenchem as coisas da Terra. Em relação a isso, Dardel (2011) e Foucault (2007) dizem que não é possível que o homem se prenda à análise de coisas inanimadas, o homem transfere seus olhares subjetivos à concretude geográfica, porém, se o olhar do homem sobre a Terra está repleto de subjetividade, seu ser também está; é sua própria alma que o homem vê quando olha para si, para a fauna, para a flora e para os astros.

Segundo Pickles (1985) e Holzer (2012b), o mundo vivido, é construído pelo que se percebe do meio ambiente e do que se conhece dele. Esse mundo vivido é muito mais do que o meio ambiente concreto, ele está presente também dentro dos indivíduos.

O ser humano já possui dentro de seu ser suas características, inteligências, desejos, interesses e, inclusive, modos de perceber. Por isso o objeto percebido será matizado pelo modo de perceber característico do indivíduo (LOWENTHAL, 1961). Em relação a isso, Morin traz a informação de que

as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constituiu-se um mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, ideias, imagens, fantasias, e este mundo infiltra-se em nossa visão ou concepção do mundo exterior (MORIN, 2000, p. 21).

O mundo construído é criado por seres humanos, então ele também é feito de subjetividades, de sonhos, de imaginação e de símbolos.

No mundo concreto, por exemplo, não é exatamente sua aparência natural e construída que são percebidas pelo homem, e sim o que está por trás dela ou intrínseca a ela, ou seja, sua história de significados, símbolos e imaginações (CLAVAL, 2012). Tais sentidos soam de variadas formas às subjetividades de cada ser humano. A percepção essencial do mundo está em todas as formas de se olhar para ele, seja de maneira consciente ou inconsciente, objetiva ou subjetiva, literal ou esquemática etc. (LOWENTHAL, 1961).

É a consciência – juntamente com o inconsciente – do ser humano que constrói os significados do mundo. Quando o indivíduo percebe o mundo, ele tem a possibilidade de compreendê-lo (BUTTIMER, 1976).

Por isso conhecer é, *a priori*, perceber. Depois então a percepção se torna uma análise ou síntese e então conhecimento. Para conhecer é preciso *corpo*, sentidos e sentimentos, mente e espírito e, além disso, consciência. Boff (1996, p. 45) complementa dizendo que “espiritualidade e ciência se implicam e se completam. (...) Não conhecemos apenas pela ciência, mas também por nossa consciência, pela nossa interioridade, pelas intuições, pelos sonhos, pelas experiências e projeções”.

Morin (2000, p. 21) complementa dizendo que “Nenhum dispositivo cerebral permite distinguir a alucinação da percepção, o sonho da vigília, o imaginário do real, o subjetivo do objetivo”. O ser humano nasce com o dom de integrar, porém aprendemos a sempre separar, dividir, dualizar. Separar e analisar situações e objetos é primordial para se trabalhar conceitos e definições necessárias para se viver em um mundo onde haja um entendimento global, para que seja possível se relacionar, porém é também primordial que se saiba integrar, pois tudo a nossa volta se encontra integrado, matéria não se sustenta sem energia, fluxos e relações, assim como os mesmos não se manifestam sem matéria.

Nós falamos de “via fácil, rude, direta” ou “tortuosa”, da “via do prazer” ou “do sacrifício”, (...) nós sofremos o “distanciamento” de certas pessoas; nós as sentimos “próximas” ou “distantes”, ou mesmo “inacessíveis”. Todas essas expressões parecem responder bem a uma espacialização que saltou do espaço para o corpo, a isso que Minkowski chama de “espaço primitivo” para onde se dirigem nossos pensamentos, nossos desejos, nossa vontade. Espaço que engloba o espaço material, mas muito mais próximo, sem nenhuma dúvida, do espaço geográfico concreto que do espaço geométrico. Espaço onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência, extensão (...). (DARDEL, 2011, p. 12).

Transitar, ato comum e necessário no cotidiano que remete à essa extensão espacial e corporal, possui o radical *trans*, que indica ir além de um obstáculo. Transitar de um lado para outro, vencer distâncias, representa externamente o transitar interior, necessário por causa da dualidade entre mundo interior e mundo exterior criado pelo homem – também um obstáculo. Esse obstáculo dual impede que se tenha uma noção real de um lugar, de uma paisagem, assim “os ambientes humanos são (...) uma extensão de nosso próprio corpo, tanto pelo símbolo quanto pela técnica” (BERQUE et al, 1999).

A geografia humanista reforça sempre a importância da relação do homem com seu ambiente. E, quando o homem se relaciona de modo afetivo com o espaço, este se transforma em lugar. Lugar é a possibilidade de intimidade com a terra. Essa área da geografia possui uma visão ecológica, de respeito para com a Terra e de inclusão do indivíduo no esquema natural do planeta (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). O lugar, foco de estudo da geografia humanista, é o meio onde objetivo e subjetivo se reúnem, onde é compreendido o “‘entre-dois’, sem o qual perdemos uma das chaves da realidade” (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 103).

Espaço e lugar são dois conceitos criados para delimitar duas maneiras distintas de experienciar a relação com a Terra. Ambos são bases de estudos da geografia. A geografia humanista, especificamente, os estuda pela perspectiva perceptiva e experiencial (TUAN, 1974).

O lugar é onde as relações acontecem, juntamente com seus significados, símbolos e valores. O lugar é o mediador entre ser e meio (CHAVEIRO, 2012). Ao mesmo tempo, o corpo é o mediador entre espírito e meio ambiente. Lugar e corpo são elementos diferentes, mas que se conectam e se influenciam mutuamente (CHAVEIRO, 2012; SANTOS, 1996). É o lugar que conecta corpo e Terra. E só é possível conhecer ou entender a Terra se criamos uma conexão com ela, se nos abrimos para experienciá-la.

Não há indivíduo sem lugar, sem espaço, sem mundo. Não há corpo sem direcionamentos, sem busca, sem relacionamentos. Não há ser humano sem Terra. Então, como diz Chaveiro (2012, p. 251), “a essência do corpo e do lugar está no devir”, está no movimento, movimento de ir e vir, de perceber, experimentar e conhecer, e isso tudo também só é possível se existir corpo e lugar.

É, geralmente, no lugar que o indivíduo constrói, age e transforma o mundo ao seu redor. Mais que isso, constrói, age e transforma a si mesmo (BERQUE, 1990, 1995; BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). É no lugar também que o homem passa a tomar consciência do mundo e de seus significados (CHAVEIRO, 2012) e da Terra como seu lar. Esse lar possui (ou deveria possuir) um significado de conexão profunda (FRÉMONT, 1980; BACHELARD, 1978). Para Tuan, “topofilia” é o nome dado para essa conexão profunda, para a relação afetiva do homem com o lugar e suas experiências; já para Dardel, a “geograficidade” é a expressão desta relação e da existência (TUAN, 1974; DARDEL, 2011).

As transformações que os seres humanos realizam na Terra têm consequência em seus comportamentos e pensamentos (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). Sack (1997) diz, em relação a isso, que a natureza geográfica do mundo está dentro de cada indivíduo e esta mesma natureza constrói o que o espaço é e o que nós somos. Essa natureza é chamada de “geograficidade” por Dardel (2011).

Se o indivíduo consegue se conscientizar dessa geograficidade, seus pensamentos e ações se tornarão mais eficientes. “O sujeito e o lugar são, cada um, constitutivos do outro” (SACK, 1997, p. 108).

A geograficidade, proposta por Dardel, é vivida no espaço geográfico, no espaço onde significados são componentes sempre presentes e interligados. É, principalmente, nas pausas do cotidiano que o indivíduo consegue identificar essa geograficidade, essa relação imediata com a Terra, essa existência de fato. (HOLZER, 2012b; DARDEL, 2011).

Todos os tipos de experiência humana carregam em seu âmago a geografia, é por isso que os geógrafos precisam estar atentos à essas experiências (CHAVEIRO, 2012; MARANDOLA, 2007; SANTOS, 2006), já que o ser humano, além de existir, experimentar e perceber, age, cria, transforma e concretiza (CHAVEIRO, 2012). Os estudos em relação ao ser humano não são meramente subjetivos, eles são importantemente subjetivos, pois tudo o que é concretizado através do homem surgiu antes em suas percepções e em seus pensamentos. Assim as percepções e seus respectivos conhecimentos são importantes, pois de acordo com Tuan (1967) e Holzer (2012b), conforme o ser humano vai aumentando seu conhecimento sobre si mesmo, sobre a sociedade de que faz parte e sobre a natureza, sua consciência em relação à inseparabilidade de si próprio e do mundo vai também aumentando. Este é o verdadeiro conhecimento, onde há saber também não racional. É nesse saber não racional que, *a priori*, segundo Holzer (2012b), o homem se torna o próprio “mundo” quando ele se interliga com o seu meio.

É importante que “o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p. 33). Segundo esse autor, a geografia é uma forma de deixarmos-nos invadir pelas coisas terrenas: a própria terra, a água, o ar, o sol. A geografia é um poder, pois as forças ou energias vêm da Terra e são elas que, inevitavelmente, dão forma às ações e ao psicológico das sociedades e de cada indivíduo, “a tal ponto que é impossível separar o [mundo concreto] dos fatos propriamente humanos” (DARDEL, 2011, p. 48).

### **O invisível, a intenção, o espírito**

Segundo Claval (2003), a geografia quer estudar as ações dos indivíduos na natureza, seus significados de vida e as suas perspectivas futuras, pois o homem mostra sua singularidade nos trabalhos com a terra (LA BLACHE, 1903).

Tudo o que é criado pelas mãos humanas tem origem na imaginação. Graças a ela – que age como símbolo, absorvendo percepções sensoriais e gerando significados novos – há inspiração para as realizações, para as concretizações, há o surgimento da cultura na natureza (COSGROVE, 2012).

Cosgrove complementa dizendo que

Os símbolos cósmicos emergem do ato imaginativo, inerente ao ser humano, de ler o mundo natural simultaneamente como um objeto e como um signo cujo significado vai além de si próprio. Tal significado varia entre uma cultura e outra, apesar de apresentar consistências marcantes (COSGROVE, 2012, p. 108).

A realidade não existe sem uma irrealidade, a qual simboliza e vai além da realidade. Esse ir além é o subjetivo fazendo o objetivo ir além dele mesmo, “e, então, o saber se resigna sem culpa a um não saber, a um mistério” (DARDEL, 2011, p. 34).

O significado de uma paisagem, por exemplo, constitui subjetividades onde é necessária uma compreensão, considerada por Sauer (1963), mais elevada. Complementando isso, Hoefle (2012, p. 38) diz que Wallace (biólogo de percepções diferenciadas de Darwin) “achava que existia uma dimensão estética e espiritual na vida humana, muito além da biologia darwinista, o que também está de acordo com os estudos empíricos posteriores sobre a cultura material, a religião e a magia”.

Valorizar a espiritualidade significa dar valor ao espaço que existe dentro do corpo – de qualquer corpo, não somente o humano –, pois é nesse espaço que a criação de laços com o meio e todos os seus componentes acontece (BOFF, 1996).

O cultivo da espiritualidade e, não somente dela, mas da mente, das emoções e do corpo, dá a possibilidade de uma consciência cada vez mais clara da conexão que o ser humano possui com a Terra. Boff (1996) fala de São Francisco de Assis como uma pessoa que tinha essa consciência de conexão

clara. “O sol, a lua, o vento e a água, o fogo e a terra (...) estavam no (...) interior como símbolos e arquétipos de absoluta integração. (...) ‘Eu me auto expresso ao expressar o mundo e exploro minha própria sacralidade quando procuro decifrar o mundo’” (p. 53-54). Todos os seres humanos possuem essa conexão com os elementos citados acima por Boff; esta conexão é tanto biológica quanto psicológica e simbólica. Como símbolo, e de modo mais imediato para o homem, o Sol representa a energia masculina e o consciente; a Lua representa a energia feminina e o inconsciente; o vento ou o ar representa os pensamentos; a água representa as emoções; o fogo, a espiritualidade; e a terra, o corpo físico (JUNG, 2008; ARROYO, 1975; HAMAKER-ZONDAG, 1989).

### **O simbólico na influência Meio x Homem e Homem x Meio**

A geografia é dividida em três temas de estudo para Lowenthal (1967): A natureza do meio ambiente; O que o homem pensa e sente em relação ao meio ambiente e; Como o homem se comporta e altera o meio ambiente. Para Tuan (1967) a geografia é dividida em dois temas de estudo: Os processos materiais que agem sobre a terra e; As marcas das ações dos homens na natureza (o qual está ligado à geografia humana).

A geografia humana realiza questionamentos direcionados à influência mútua entre meio ambiente e ser humano (CLAVAL, 2012), pois o agir do homem na natureza se torna cultura (COSGROVE, 2012b). A cultura tem sua utilidade na base da formação da sociedade. Cosgrove (2003) cita dois aspectos fundamentais da cultura: O trabalho, que é “a interação direta dos seres humanos com a natureza na produção” (p. 104); e a consciência, que são “as ideias, os valores, crenças e ordem moral nas quais os seres humanos se tornaram cientes de si mesmos como sujeitos capazes de transcender a grosseira materialidade da natureza” (p. 104).

Mas o espaço geográfico não se constitui somente da ação do homem, ele também age no homem, através do tempo, da flora, do relevo etc. As condições do ambiente influenciam a condição humana, os hábitos e os pensamentos. Assim, “a realidade geográfica vem (...) ressoar em nós. Foi dado a

Beethoven, a Weber, a Debussy o dom de perceber e de transmitir a harmonia musical vibrada pelo espaço campestre, silvestre ou marinho” (DARDEL, 2011, p. 39).

A cultura surgiu e passa por processos de melhora porque o ser humano é capaz de criar símbolos. Estes símbolos são criados para facilitar o entendimento das energias existentes na natureza e a concretização dessas energias é realizada pela sociedade por meio da tecnologia (DUNCAN, 2003).

Para complementar, toda imagem e ideia sobre o mundo é composta de experiências, aprendizados, imaginações e memórias pessoais. A imagem da superfície terrestre é formada para cada pessoa por reflexos culturais e pessoais. Cada indivíduo é um arquiteto de paisagens, onde cria e organiza espaços e tempos de acordo com sua percepção e predileção (LOWENTHAL, 1961). São essas características e intenções individuais que possuem o poder da criação, da transformação e da simbologia.

A simbologia se refere aos comportamentos e à psicologia dos indivíduos (DUNCAN, 2003). De acordo com Berque et al,

O ecúmeno resultante de um espraiamento ao mesmo tempo técnico e simbólico da extensão terrestre, as coisas que o compõem, participam simultaneamente da dimensão ecológica da biosfera (onde elas existem fisicamente) e da dimensão simbólica da semiosfera (onde elas existem enquanto querem dizer alguma coisa para a humanidade que as representa) (BERQUE et al, 1999, p. 68).

Tudo que compõe o meio existe no interior do indivíduo por meio do imaginário, da simbologia e dos valores. A fauna, a flora e os elementos terrestres estão presentes no ser do indivíduo através de símbolos repletos de sentimentos e também como arquétipos. “As experiências (...) que a psique humana fez em sua longa história, em contato com a natureza e também com o próprio corpo (...) deixaram marcas no inconsciente coletivo e na percepção de cada pessoa” (BOFF, 1996, p. 37).

Nos povos primitivos, na natureza, atribuem-se valores às materialidades ou acontecimentos geográficos, com isso somente o que é reforçado pelo mítico se torna verdadeiramente real (DARDEL, 2011; LOWENTHAL, 1961). O homem pode descobrir e determinar o universo dentro dele apenas

pensando em conceitos e imagens míticos. O mito ou o símbolo é o que garante a relação dos homens consigo mesmo e com os outros e com sua morada: a Terra.

De acordo com Boff (1996, p. 33), “a imaginação, a fantasia, (...) o sonho, a emoção, o símbolo, a poesia e a religião devem ser tão valorizados quanto a produção, (...) e a racionalidade. Masculino e feminino, Deus/mundo, corpo/psique devem ser integrados no horizonte de uma imensa comunidade cósmica”.

O homem se comunica com a natureza através de seu corpo, de suas percepções e afetos. O que cria a sensação de divisão entre homem e natureza é a razão. Porém, se a razão – sem necessariamente a separação homem x natureza – e a conexão com a terra são colocadas em conjunto, o homem influencia o meio, age sobre ele e se transforma (COSGROVE, 2012a). Também as atitudes do homem são dependentes do contexto social e sensorial e o âmago desse contexto é o trabalho humano (COSGROVE, 2003).

É também pelo seu lugar de moradia, pela organização de terras, pela movimentação de objetos e pessoas que o ser humano se mostra relacionado com a Terra. Em relação à essa cumplicidade entre homem e Terra, Dardel se prontifica:

Visto que a Terra é a mãe de tudo o que vive, de tudo que é, um laço de parentesco une o homem a tudo que o cerca (...). A montanha, o vale, a floresta não são simplesmente um quadro, um "exterior", mesmo que familiar. Eles são o próprio homem. É lá que ele se realiza e se conhece (DARDEL, 2011, p. 49).

Por isso, é imprescindível sempre lembrar que “a finitude geográfica de nossa Terra impõe a seus habitantes o princípio de hospitalidade universal (...)” (MORIN, 2000, p. 113).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se diz que o homem é feito de terra, esta afirmação é mais uma vivência do que um conceito (DARDEL, 2011). E, apesar de “o homem ser feito de terra”, algo que a princípio parece concreto e

estável, Buttimer (1990) lembra que o homem não é confinado somente a este aspecto físico da vida, mas que existem outros aspectos como “emoção, estética, memória, fé e determinação” (p. 28) que embalam a vivência humana.

A sacralidade está nos ritos, nos templos, nas orações etc. Mas está também no cotidiano, no trabalho do dia-a-dia, na lida que envolve a terra, o ar, o mar, o sol. A sacralidade está na relação com o outro, com as coisas, com a cultura, com a terra, com a natureza. Esta relação não é simplesmente binária, ela é ternária. Na relação do homem com a terra há um terceiro aspecto incluído, este aspecto oferece a possibilidade de o indivíduo perceber o sagrado nas relações, seja ele vindo do pensamento, do sentimento, do espírito ou da sensação que manifesta a sacralidade. É essa percepção do sagrado que possibilita um sentimento de intimidade com a Terra.

A geografia humanística possui potencial e ferramentas para apresentar ao homem formas mais afetivas, singulares e profundas de se relacionar com a Terra, pois um de seus objetivos sempre presente em seus estudos, é lembrar que a simbologia e os significados são a base do relacionamento do ser humano com seu meio, e que é preciso cuidar desta relação para que as ações humanas através do trabalho, da arte, do cotidiano sejam colocadas em prática com mais consciência e, assim, maior respeito para com o meio.

Este artigo é, possivelmente, o primeiro passo para estudos mais profundos sobre o relacionamento do ser humano com a Terra, podendo funcionar como apontamento para futuras pesquisas sobre o aspecto simbólico na relação do homem com o meio ao seu redor, o qual é imprescindível para uma interação harmônica. Isto porque o homem precisa sentir suas ações, não apenas racionalizá-las. Unindo razão e sentimento chega-se mais perto de se alcançar uma consciência mais coerente com uma visão integradora e ecológica de mundo.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Stephen. *Astrologia, psicologia e os quatro elementos*. São Paulo: Pensamento, 1975.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BERDOULAY, Vincent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e Sujeito: Perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs). *Qual o Espaço do Lugar?*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93-116.

BERQUE, Augustin. **Médiance**: Des Milieux en paysages. Montpellier: Reclus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Les Raisons du paysage**. Paris: Hazan, 1995.

BERQUE, Augustin; CONAN, Michel; DONADIEU, Pierre; LASSUS, Bernard; ROGER, Alain. **Mouvance**: Cinquante mots pour le paysage. Paris: Editions de la Villette, 1999.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. 2 Ed. São Paulo: Ática, 1996.

BUTTIMER, Anne. Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical Review**, vol. 59, n. 3, p. 417-426. 1969.

\_\_\_\_\_. **Values in geography**. Washington: AAG, 1974.

\_\_\_\_\_. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 66, n. 2, p. 266-276. 1976.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: Elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs). **Qual o Espaço do Lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 249-279.

CLAVAL, Paul. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

CLAVAL, Paul. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Geografia Cultural: Uma antologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 245-276.

COSGROVE, Denis E. Em direção a uma Geografia Cultural radical: Problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-134.

\_\_\_\_\_. Mundos de Significados: Geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Geografia Cultural: Uma antologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a. p. 105-118.

\_\_\_\_\_. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Geografia Cultural: Uma antologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012b. p. 219-237.

COSGROVE, Denis. E; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUNCAN, James. O Supra-Orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. 9 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almadina, 1980.

HAMAKER-ZONDAG, Karen. **Os quatro elementos e os caminhos da energia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Trad. Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

HOEFLE, Scott William. Epistemologia e Teoria Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Geografia Cultural: Uma antologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 17-42.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: Uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Geografia Cultural: Uma antologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a. p. 165-178.

\_\_\_\_\_. Mundo e Lugar: Ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs). **Qual o Espaço do Lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2012b. p. 281-304.

JASPERS, Karl. **Philosophie I**. Berlin: Springer, 1932.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LA BLACHE, Paul Vidal. **Tableau de la Géographie de la France**. Vol. 8. 1903.

LOWENTHAL, David. Geography, Experience, and Imagination: Towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 51, n. 3, p. 241-260. 1961.

\_\_\_\_\_. **Environmental perception and behavior**. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

LUIJPEN, W. **Introdução à Fenomenologia Existencial**. São Paulo: EPU/Edusp, 1973.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geosofia e Humanismo: Do conhecimento geográfico à geografia do conhecimento. In: KATUTA, Ângela Massumi; SILVA, Willian Ribeiro da (Orgs). **O Brasil frente aos Arranjos Espaciais do Século XXI**. Londrina: Humanidades, 2007. p. 273.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PICKLES, John. **Phenomenology, Science and Geography: Spatiality and the Human Sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographers**, vol. 14, n. 3, p. 193-201. 1970.

RICOEUR, Paul. Méthode et tâches d'une phenomenology de la volonté. In: **Problèmes actuels de La phénoménologie**. Paris: Desclée de Brouwer, 1952.

SACK, Robert David. **Homo Geographicus**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Espaço e Tempo: Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Por uma Epistemologia Existencial. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; SILVEIRA, María Laura; ARROYO, Mônica (Orgs). **Questões Territoriais na América Latina**. São Paulo: Clasco Livros, 2006.

SAUER, Carl. Morphology of landscape. In: LEIGHLY, John. (Ed). **Land and Life**. Berkeley: University of California Press, 1963. p. 315-350.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. **Progress in Geography**, vol. 6, p. 211-252. 1974.

WRIGHT, John. Terrae Incognitae: The place of the imagination in geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1. 1947.